

A RESILIÊNCIA ESCONDIDA NOS ABRIGOS NUCLEARES

Carlos Leodário Monteiro Krebs
carlos.krebs@gmail.com

“...Como uma cobra ela mordeu meu coração
E o veneno envenenou a escuridão

Mas nossos filhos serão mutantes
Queria tudo como era antes
O sol nunca mais vai brilhar
Aqui dentro do abrigo nuclear”¹

PROJETO MINHOCA NO GELO

Alguns de nós vivem um momento de interregno, de ruptura do cotidiano, de compasso de espera com a pandemia do novo coronavírus lambendo a soleira das nossas portas. Hora de abrir e consumir as compotas guardadas. Entre o desenroscar de uma tampa e outra, descobrem-se coisas inusitadas. Esses dias dei de cara, em uma daquelas revistas que nunca seriam lidas² normalmente, com uma matéria interessante sobre um momento obscuro do período da Guerra Fria – o *Project Iceworm* (Projeto Minhoca de Gelo).

Com o pretexto de estabelecer uma base científica próxima ao Polo Ártico, o governo estadunidense estabeleceu um projeto de cooperação científica com o governo dinamarquês. Nesse acordo, os dinamarqueses ofereciam um local no território da Groenlândia, e os estadunidenses ofereciam... segredo!

Assim, os USA enviaram um Corpo de Engenheiros à Groenlândia para a construção de uma pequena cidade para 200 soldados sob o gelo, que seria chamada de *Camp Century*. Esta base contaria com hospital de campo, cinema, restaurante, capela e... sua própria usina nuclear. Apesar de realmente estabelecerem um núcleo para pesquisa polar e criarem o primeiro centro avançado para o estudo do clima no planeta, a

¹ Excerto de “Boy do Subterrâneo”, música e letra Heron Heinz e Carlos Gerbase, álbum **O Futuro é Vortex**, Os Replicantes, RCA, 1986.

² PHILBERT, P-E; Camp Century: A Spot of Bother, **Polar Front – Science News from the Arctic**, The Greenlandic Society; Charlottenlund, DEN, 2015; p. 41-50.

"cidade sob o gelo" estaria reservada à armazenagem de até 600 mísseis nucleares. O real interesse dos USA estava na construção de locais de lançamento de mísseis de forma a obter uma posição mais segura no jogo de forças com a União Soviética. O *U.S. Army* planejava a instalação de uma rede de túneis no gelo interligando esses locais específicos de lançamentos, dentro de uma área de aproximadamente 13.500 Ha.

Camp Century serviria como uma espécie de "almoxarifado da OTAN" (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Esse sistema de defesa coletiva fora estabelecido dez anos antes, após a II Grande Guerra. Começara como mera associação política, mas após a deflagração da Guerra da Coreia, consolidou uma estrutura militar de forma a integrar seus Estados-membros. O advento do Pacto de Varsóvia (1955) entre os países aliados da União Soviética ampliaria esta ideia de "escudo do Ocidente" contra o bloco do Leste Europeu, os da "Cortina de Ferro".

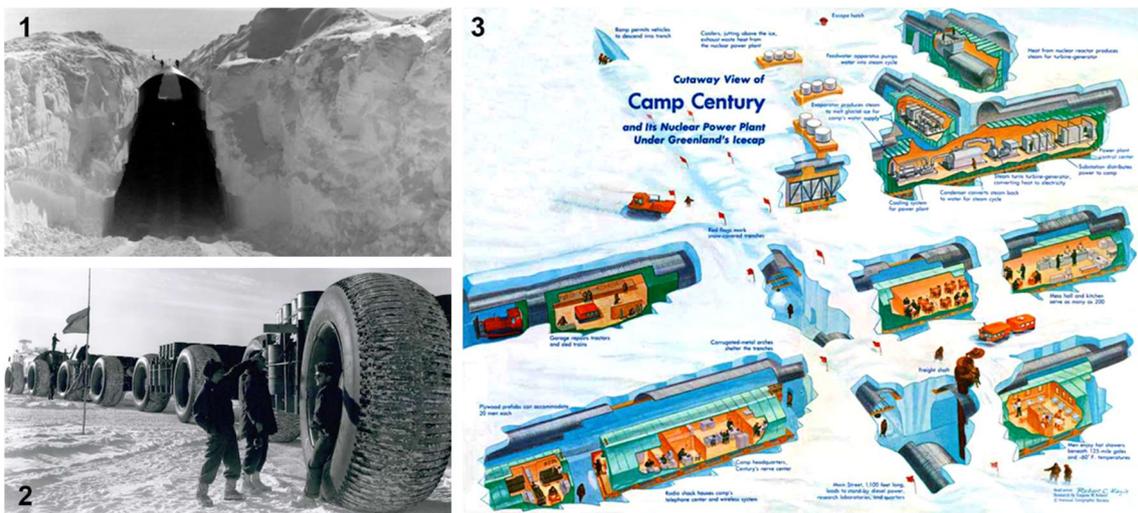


Figura 01-1: Pictorial Parade/Archive Photos/Getty Images. Uma visão da rampa de acesso principal para o acampamento permanente Camp Century. Anos 50. 1 fotografia. **Figura 01-2:** Zumapress. Um transportador logístico de carga deixa suprimentos no *Camp Century*. 1959. 1 fotografia. | **Figura 01-3:** Robert C. Magie/National Geographic. *Cutaway of Camp Century and Its Nuclear Power Plant Under Greenland's Icecap* (Vista cortada do *Camp Century* e sua planta nuclear sob a camada de gelo da Groenlândia). 1962. 1 ilustração.

Este projeto foi abandonado em 1967 porque observaram instabilidade no local, e o risco de colapso no sistema de túneis, devido a movimentação do maciço gelado da Groenlândia. Ao abandonar as instalações, o exército estadunidense deixou para trás 9.200 toneladas de material físico e 53.000 galões de diesel, além de resíduos radioativos

e bifenilos policlorados (PCBs)³, que são toxinas presentes em tintas e vernizes causadoras de câncer. Hoje isso ainda está enterrado no gelo, mas com o fenômeno do aquecimento global, é provável que em menos de 100 anos – com maior quantidade de gelo derretendo do que neve acumulando – isso esteja exposto ao meio ambiente. Uma sentença de morte por envenenamento em uma importante área de caça marinha das comunidades Inuítes da região.

O PARALELO

Mas por que pensar nisso? O que uma base quase secreta de lançamento de mísseis, abandonada nos confins do planeta, tem a ver com o enfrentamento a uma pandemia que atinge também o Brasil de hoje?

O mundo da época da Guerra Fria tinha uma atmosfera política que favorecia perseguições políticas e a violações de direitos civis, mas também proporcionava um interessante mercado de consumo baseado no medo. Naquele tempo, era o comunismo soviético o gatilho de controle social. A tal "ameaça vermelha". Dentro da mesma cultura que estimulava o abandono das cidades em direção às novas áreas suburbanas dirigindo possantes veículos⁴, crescia a oferta de abrigos nucleares. Eram habitáculos quase artesanais preparados para uma eventual hecatombe atômica, e projetados para adaptarem-se aos jardins e o mobiliário dos quintais da classe média suburbana da época.

Sob o pretexto de que as cidades seriam reduzidas a um amontoado de cinzas, o Escritório de Defesa Civil do Departamento de Defesa do governo estadunidense (criado em 1950) oferecia material preparando os cidadãos para a eventualidade de um ataque. O *Family Shelter Series* (Série de Abrigos Familiares) pregava que essas construções seriam suficientemente seguras em caso de uma tragédia.

³ COLGAN, W.; MACHGUTH, H.; MACFERRIN, M.; COLGAN, J. D.; AS, D. van; MACGREGOR, J. A.; The abandoned ice sheet base at Camp Century, Greenland, in a warming climate, **Geophysical Research Letters**; Vol. 43, nº 15; AGU Publications; Washington, USA; 2016; p. 8091-8096

⁴ FERTNER, C., JØRGENSEN, G., SICK NIELSEN, T. A., BERNHARD NILSSON, K. S.; Urban sprawl and growth management – drivers, impacts and responses in selected European and US cities. **Future Cities and Environment**, Vol. 2, nº 9, WSSET; Nottingham, GBR, 2016; 13 págs (open access).



Figura 02-1: Mechanix Illustrated. *Can Russia Defeat Us With Atom Bombs?* (Pode a Rússia derrotar-nos com bombas atômicas?). Pág 65. 1950. 1 fotomontagem. | **Figura 02-2:** Life. *How You Can Survive Fallout.* (Como você pode sobreviver à radiação). Capa. 1961. 1 fotografia. | **Figura 02-3:** General Merchandise Co. *You Can Survive Atomic Fallout* (Você pode sobreviver à radiação atômica). Sem/data. 1 ilustração. | **Figura 02-4:** Life. *The Drive for Mass Shelters* (As orientações para abrigos para as massas. Capa. 1962. 1 ilustração.

A própria revista Life publicara uma longa matéria sobre o assunto em setembro de 1961. Logo na abertura, um chamamento do presidente Kennedy incentivando seus cidadãos que instalassem esses abrigos. Lembrando que em abril daquele ano, os Estados Unidos tiveram frustrada a invasão patrocinada de Cuba – o episódio da Baía dos Porcos – e, em 1962, envolveram-se na Crise dos Mísseis com a União Soviética como consequência disso.

É óbvio que aquelas estruturas subterrâneas seriam pouco melhor que nada no caso de um ataque atômico. Mas não seria isso que a Guerra Fria oferecia? Uma mescla de percepção e erro. A notícia de mentirinha era justamente aquilo que muitas pessoas de então estavam mais do que felizes em acreditar.

A facilidade para que se encontre a informação hoje em dia permite a percepção da nova modalidade de exploração do medo. É assim que se pode entender como, através de elementos de guerra híbrida⁵, manipulam-se os seios direito e esquerdo da sociedade brasileira. Para esse par de parcelas intoxicadas, eis um nicho alternativo de mercado, perfeito para as dezenas de milhares de engenheiros (e arquitetos) que perderam seus empregos pelo desmonte do setor da construção civil no país nestes últimos cinco anos. Poderão buscar inspiração na empresa Underground Shelters⁶, que ainda hoje oferece a

⁵ KORYBKO, A.; *Guerras Híbridas – Das Revoluções Coloridas aos Golpes*; Editora Expressão Popular; São Paulo, BRA; 2018; 175 págs (e-Book).

⁶ **Underground Shelters**, disponível em <https://utahsheltersystems.com/>. Visitado 17 de maio de 2020.

construção de abrigos garantidos contra o pulso térmico, a radiação inicial, precipitação radioativa, explosão e pulso eletromagnético.

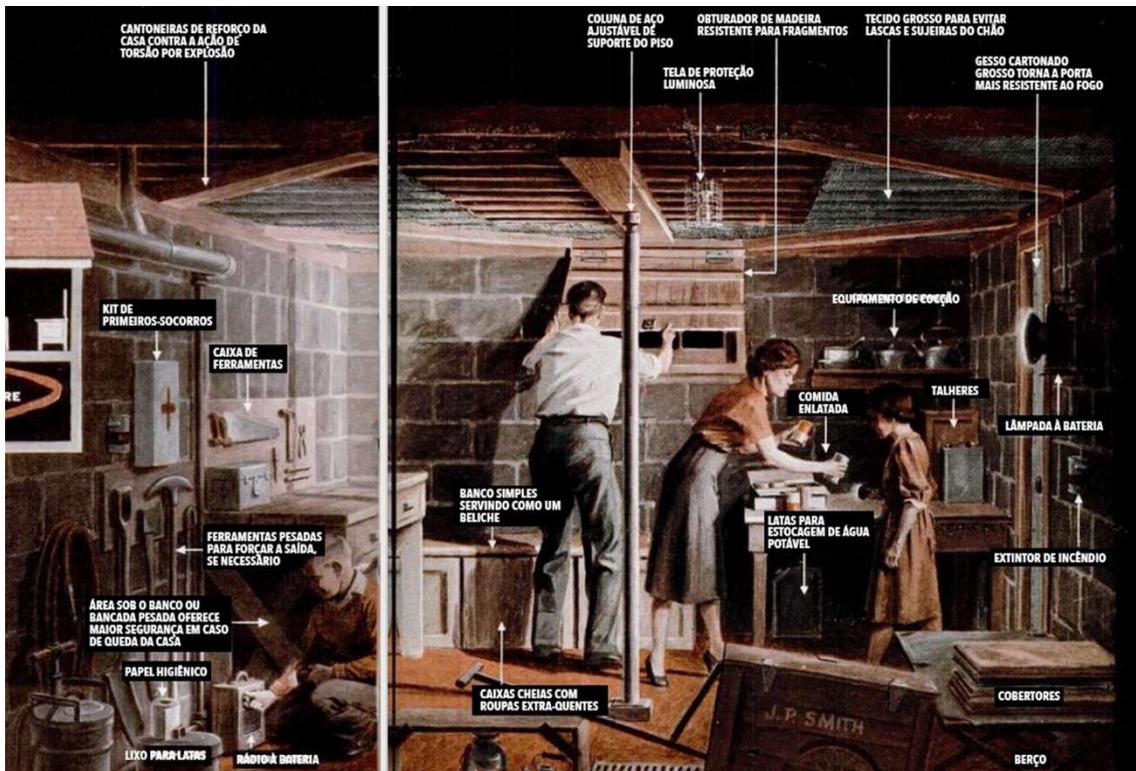


Figura 03: SMITH, J. P./Popular Science. Trincheira doméstica. 1951. 1 ilustração. Elementos traduzidos pelo autor.

O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO

Há um filósofo e crítico social esloveno bastante popular hoje em dia, chamado Slavoj Žižek*** (pronuncia-se "Zla-vói Gi-gek"). Ele é nascido em 1949, na capital eslovena Ljubljana (que pertencia à antiga Iugoslávia). Hoje ele é apresentado por editores, entrevistadores e estampadores de rótulos como o "Elvis Presley da Filosofia" – certamente não pelo gingado da língua no inglês, ou pelo movimento de quadris. Seu mérito está em comunicar seu pensamento de forma muito acessível a quem assiste suas apresentações.

O real não é a “realidade”. Nossa realidade estaria baseada em interpretações, em simbologias. O real não poderia ser simbolizado, não haveria palavras para isso. Então, a realidade que vivemos é uma ficção – uma visão parcial, uma visão limitada (ou delimitada) do real.

O simbólico vem da linguagem (falada ou expressa pelo comportamento). Por exemplo, para o presidente que nos governa, ele seria presidente apenas porque existem

peças que ocupam instituições que se comportam como se ele tal o fosse. É uma imposição de leis e regras. Mesmo que alguns discordem ora das leis, ora das regras, há uma maioria consensual. Nesse caso, a questão é que há alguns com muito mais poder dentro dessa “falsa representação da realidade” do que a maioria da população brasileira supõe existir.

O imaginário é quase o simbólico, mas ao invés de tratar da estrutura (leis e regras), ele trabalha com as sensações e memórias (visão, audição, olfato, tato ou gosto). É contando com esta afetividade que alguns olham e ouvem de forma estupefata, outros com a incredulidade, para as manchetes e notícias vinculadas sobre o avanço da epidemia pelo país. Para os que a aceitam como fato, e podem colocar-se em redomas de proteção, ela existe e ameaça a urgência pela retomada da democracia no Brasil. Para os que a negam, a redoma é uma imposição falsa que serve apenas para impedir o avanço da democracia no Brasil. Dessa forma, pode-se admitir que a doença transita como ameaça, tanto como a aceitação ou negação dela também o seja



Figura 04 esq: MAGALHÃES, D./Futura Press/Folhapress. Supermercado em Porto Alegre com as Prateleiras Vazias. 2018. 1 fotografia. | **Figura 04 dir:** GaúchaZH. Aglomeração de clientes durante chegada de álcool gel em supermercado de Porto Alegre. 2020. 1 quadro de vídeo.

A verdade enterrada serve como metáfora para uma parcela menor da sociedade. Aquela que pode conformar-se e confinar-se em uma quarentena aberta. A redução na interação social presencial, ou o dito distanciamento físico, é uma necessidade apreendida mundialmente⁷ como a primeira vacina para um mal que pouco se conhece.

⁷ **OMS apela aos jovens que fique em casa: Vocês não são invencíveis**, matéria publicada em 25 de março de 2020 por NEBEHAY, S., em Medscape, disponível em <https://outline.com/LgCbSG>. Visitado 17 de maio de 2020.

Por isso não interessa o lado com que se enxerga, entende-se, ou sente-se ele. A sua força irrefutável está justamente em povoar não o simbólico, mas sim o imaginário do povo brasileiro. De todo o povo. De qualquer habitante do país, desde aquele que sobrevive na área mais remota da Amazônia alagadiça, até o hedonista que sonha com a paz e segurança de seu abrigo nuclear entupido por uma adega de álcool etílico 70º de marca única e tubos e mais tubos de álcool gel.

Temos um grave problema. E ele vincula-se a esta dificuldade de entender a diferença entre o simbólico e o imaginário. Quando pessoas de atividades informais reivindicam acesso ao programa de renda mínima, ou pessoas de serviços essenciais clamam por equipamentos de segurança, transporte e acesso à saúde para que possam exercer suas atividades, uma parte barulhenta da sociedade manifesta repúdio, recrimina os trabalhadores chamando-os de baderneiros, e pede intervenção militar. Quando alguns manifestantes acampam em frente ao Superior Tribunal Federal – incitados e financiados por alguns empresários de renome – reivindicando a necessidade de que os outros trabalhem livremente e façam girar a economia, a mesma parte barulhenta da sociedade manifesta apoio e simpatia, se vê espelhada em sua pauta, e pede intervenção militar.

Afinal, parece que para as pessoas dessa parte da sociedade, ao invés do cérebro, há um tanque verde-oliva na cabeça e um canhão no lugar do nariz...

REFERÊNCIAS

[01] Excerto de “Boy do Subterrâneo”, música e letra Heron Heinz e Carlos Gerbase, álbum **O Futuro é Vortex**, Os Replicantes, RCA, 1986.

[02] PHILBERT, P-E; Camp Century: A Spot of Bother, **Polar Front – Science News from the Arctic**, The Greenlandic Society; Charlottenlund, DEN, 2015; p. 41-50.

[03] COLGAN, W.; MACHGUTH, H.; MACFERRIN, M.; COLGAN, J. D.; AS, D. van; MACGREGOR, J. A.; The abandoned ice sheet base at Camp Century, Greenland, in a warming climate, **Geophysical Research Letters**; Vol. 43, nº 15; AGU Publications; Washington, USA; 2016; p. 8091-8096. doi:10.1002/2016GL069688.

[04] FERTNER, C., JØRGENSEN, G., SICK NIELSEN, T. A., BERNHARD NILSSON, K. S.; Urban sprawl and growth management – drivers, impacts and responses in selected European and US cities. **Future Cities and Environment**, Vol. 2, nº 9, WSSET; Nottingham, GBR, 2016; 13 págs (open access). doi:10.1186/s40984-016-0022-2

[05] KORYBKO, A.; **Guerras Híbridas – Das Revoluções Coloridas aos Golpes**; Editora Expressão Popular; São Paulo, BRA; 2018; 175 págs (e-Book). ISBN:9788577433384

[06] **Underground Shelters**, disponível em <https://utahsheltersystems.com/>. Visitado 17 de maio de 2020.

[07] **OMS apela aos jovens que fique em casa: Vocês não são invencíveis**, matéria publicada em 25 de março de 2020 por NEBEHAY, S., em Medscape, disponível em <https://outline.com/LgCbSG>. Visitado 17 de maio de 2020.